



## O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO ABUSO DE ÁLCOOL, O CASO DOS *KÿRÛ*<sup>1</sup>

Paulo Caldas Ribeiro Ramon – UEM

Luane Maciel Freire – UEM

**Resumo:** A atuação das escolas nas populações indígenas tem um impacto ainda secundário, inúmeros são os problemas enfrentados por tais populações, desde saneamento básico a divergências culturais com a sociedade envolvente, o presente artigo visa a compreensão do papel escolar em uma Terra Indígena Kaingang, busca uma possível intervenção preventiva de uso/abuso de álcool, para tal em acordos firmados com a polícia local, e escola, trazendo elementos históricos, conceitos científicos e análises etnográficas, pautamos-nos no materialismo histórico-dialético e na psicologia histórico cultural, que servirão, de alicerce para uma futura intervenção. Para tal utilizaremos recursos audiovisuais com o intuito de maior riqueza na captura de dados e capacitação da população jovem.

**Palavras-chave:** Escola, Índios Kaingang, Uso/Abuso de álcool e Prevenção.

### Introdução

A população indígena Brasileira é composta de mais de 238 povos diferenciados em 180 línguas diferentes, IBGE (2010), a classificação etnológica se dá de acordo com seus troncos linguísticos, que evidenciam as populações antecedentes, dentre as que habitam o estado do Paraná, destacamos os troncos macro-tupi e macro-jê, referente as populações Kaingang(macro-jê), Guarani e Xetá(macro-tupi), respectivamente, ao longo de 29 Terras Indígenas demarcadas e 3 em processo de demarcação.

São vastas as menções de abuso de álcool relacionada às populações indígenas, na contemporaneidade as rotulações, preconceitos e inúmeros mitos permeiam tais discursos, Langdon(2001;2005), Oliveira(2001).

Por meio do Laboratório de Arqueologia Etnologia e Etnohistória (LAEE) da Universidade Estadual de Maringá, foram realizadas saídas de campo nos anos de 2010 e 2011, nestas foi identificado nas 29 T. I. a problemática do uso abuso de álcool, tal constatação fez com que nos debruçássemos sobre a temática, transitará pela Educação,

---

<sup>1</sup> Para Weisemann(2002) *kÿrÛ* significa jovem, em nosso trabalho delimitamos esta população, assim constituiu-se por 71 alunos do Ensino Médio matriculados na escola da Terra Indígena em questão.

Etnografia, Psicologia e Saúde, visando trazer à consciência as relações materiais estabelecidas entre a bebida e a população em questão.

Abordaremos a relação estabelecida entre os kÿrũ e o uso e abuso de álcool e o possível papel da escola, tendo em vista a conceituação de Leontiev (1978) que nos traz que a cada passar histórico a complexidade e o desafio da escola aumenta, assim buscamos uma intervenção preventiva frente a problemática das bebidas alcoólicas, delimitamos uma Terra Indígena no Vale do Rio Ivaí, situada na porção central do Estado do Paraná, com um território de 7.200ha, delimitado o campo, foram realizadas as pesquisas *in loco*, nestas o anonimato dos participantes bem como a nomeação da T.I. *Ga*<sup>2</sup> envolvida, seguirá os padrões éticos necessários, mantendo o sigilo.

As incursões na T.I. *Ga* envolveu 2 (dois) anos de observação etnográfica e contato com as lideranças e a escola, ambos nos auxiliaram nas coletas de dados, reportando relatos e problemas enfrentados internamente, gradativamente os vínculos estabelecidos se consolidaram, possibilitando um maior envolvimento referente as vicissitudes alcoólicas, em contrapartida aos dados fornecidos, foi solicitada uma intervenção preventiva para o ano de 2012, frente a este desafio, o presente texto trás algumas considerações sobre a futura intervenção, com dados históricos da T.I., e etnográficos *in loco* e por fim elaboramos alguns pressupostos sobre as possíveis potencialidades da escola no papel da prevenção. Para tal Chaves(2001) esclarece que nem todas as intervenções pedagógicas possuem seu caráter humanizador, tais devem ser providas de sentido e significado, assim ressalta o norte teórico oriundo da psicologia Marxista, e a teoria histórico cultural.

Defronte ao desafio, observamos que a Polícia local, *Porisa*<sup>3</sup> é responsável pela manutenção da ordem interna e proteção territorial, além destas funções administrativas, uma de suas maiores atuações é a repressão dos bebedores abusivos, tendo em vista esta atuação, firmamos um acordo sobre o trabalho preventivo, buscando por meio da Pesquisa Ação proposta por Brandão (1985) retroalimentar nossa atuação, expomos os dados sistematizados e científicos para as lideranças, e abrimos espaço para suas considerações, fato que gerou um debate fecundo, do qual encontra-se em processo de elaboração.

---

<sup>2</sup> Ainda nos pautando no conceituação de Wiesemann (2002), adotaremos o termo T.I. *Ga* para não expor a terra envolvida na pesquisa/intervenção, para manter o anonimato dos envolvidos. Dado a denominação *Ga* significar terra, em aspecto gerais, a terra onde se cultivava.

<sup>3</sup> *Porisa* é um termo também citado por Wiesemann(2002), refere-se instituição interna responsável pela ordem e manutenção da T.I., atualmente é composta por 100 hens e mulheres, estes são responsáveis pela prisão e contensão do bebedores que trazem problemas a aldeia.

Em populações não-indígenas Marques e Ribeiro (2002) conceituam os padrões de consumo alcoólico de três maneiras distintas: Uso, Abuso e Dependência. Sendo o Uso caracterizado pela ingestão de uma pequena quantidade de álcool, trazendo comportamentos de risco, mas que impreterivelmente, trará algum dano/prejuízo ao usuário, seja âmbito biológico, social ou psicológico. Já no Abuso há um claro déficit cognitivo caracterizado por estados de Euforia e conseqüente Depressão, geralmente após algumas horas de uso, em momentos de Euforia o comportamento agressivo pode ser exacerbado diminuindo consideravelmente a tolerância a frustrações trazendo assim muitos danos sociais como acidentes de carro e brigas. No caso da Dependência Alcoólica, 90% a 70% dos dependentes apresentam a SAA (Síndrome de Abstinência Alcoólica), sendo que para se caracterizar como dependência é necessário que haja o enquadramento específico no CID e DSM.

## **2. JUSTIFICATIVAS (interesse, viabilidade e relevância do tema/problema);**

Em 2010 em atuação como Bolsista no Projeto Intitulado: “*O Esporte/Lazer nas Terras Indígenas no Estado do Paraná*” financiado pela Rede Cedes (Centro de desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer) e CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) foi possível identificar a escassez de medidas governamentais referentes a problemática do uso e abuso de bebidas alcoólicas, bem como atuações que beneficiassem a população jovem, no caso deste estudo que contemplasse os k̄yrũ.

Detectamos em suma: condições degradadas dos espaços de lazer, campos e quadras que quando não inexistentes, encontram-se em condições lastimáveis; inúmeras foram as solicitações de melhoria das condições internas das aldeias, saneamento básico, melhoria nas escolas indígenas, fato ubíquo foram as atestações sobre a miserabilidade, também notado pelo observação etnográfica.

No que tange a saúde, a FUNASA (Fundação Nacional da Saúde) é a entidade responsável pela saúde indígena, partir da implementação da lei nº8.080 de 1990 até meados de 2011, neste mesmo ano houveram transições e reformulações estruturais que eclodiram no SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), também responsável pela saúde, contudo sendo implementada pelo SPDM<sup>4</sup> (Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina).

---

<sup>4</sup> A SPDM (Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina) entidade privada sem fins lucrativos, executa ações complementares, gozando da condição de CEBAS (Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social).

Destacamos também a defasagem na formação dos professores indígenas Faustino(2006), conflui-se a esta a ausência de medidas e atuações governamentais que possibilitem a empregabilidade destes jovens, tendo em vista a atual situação competitiva do mercado de trabalho.

No ano de 2011, como participante do projeto de pesquisa intitulado: “*O impacto do Programa Bolsa Família na melhoria do acesso à educação e aprendizagem em comunidades indígenas Kaingang e Guarani no Paraná*” financiado pelo CNPQ e MDS (Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome), foi possível manter a coleta de dados e delimitação da T.I. em questão para uma pesquisa inicial, observando as vicissitudes enfrentadas pelos jovens enfatizando a problemática da ingestão de bebidas alcoólicas, fato este já frisado anteriormente por Oliveira (2001) e Faustino (2006).

Até o presente momento não houveram intervenções focadas na prevenção do uso e abuso de álcool na T. I. *Ga*, deste modo, buscamos por meio da apropriação dos conceitos científicos, a explanação sobre os efeitos do álcool (a curto, médio e longo prazo) bem como as implicações sociais da ingestão alcoólica, concomitantemente, trabalharemos elementos culturais, com o intuito de tornar cognoscíveis os sentidos e significados históricos do beber, tendo em menta a proposta de Leontiev (1978).

### **Objetivo Geral**

Buscar subsídios metodológicos para a atuação escolar na prevenção do uso/abuso de ingestão de bebidas alcoólicas na T.I *Ga*

### **Específico**

Compreender a historicidade, e a situação atual sobre a ingestão de bebidas na T.I. em questão, com um enfoque na população jovem.

### **DADOS GERAIS**

Em entrevistas abertas com as populações em geral, caciques (líderanças políticas e *Porisa*) e profissionais da Saúde há uma consonância geral acerca da problemática da ingestão de bebidas, primeiramente apresentaremos *dados panorâmicos* coletados nas mais diversas

áreas indígenas no Estado do Paraná, e posteriormente descreveremos *dados específicos* da T.I. *Ga*.

## **DADOS PANORÂMICOS**

No rol de entrevistas realizadas no ano de 2010, elencamos algumas mais relevantes dentre estas a frase de uma liderança Guarani que nos relatou em uma conversa em um Evento na própria Universidade de Maringá:

**“PARA VOCÊ ENTENDER BEM ... O ÁLCOOL É O CRACK DO ÍNDIO.”**

Relato de uma enfermeira, funcionária da então FUNASA, que nos chamou a atenção:

**“SABE... AQUI NA ALDEIA TEMOS UM PROBLEMA GRAVE, É MUITO GRANDE E ESPALHADA AQUI, TEMOS MUITA INFLUÊNCIA DO BRANCO AQUI..VOCÊ DEVE SABER NÉ?! DO KIKI, ELES JÁ BEBIAM ANTES DE ENTRAR EM CONTATO COM O BRANCO, SÓ QUE AGORA É PIOR, ELES BEBEM DE TUDO, CERVEJA...INCLUSIVE MUITA PINGA.”**

Outro relato que consideramos relevante oriundo de um Kaingang em estado eufórico, coletado em um evento de Futebol Indígena, um “trago” termo utilizado na língua *fog* para designar bebidas (geralmente destiladas) e como o próprio relator diz ser seu *Goiô Koreg*(bebida/água ruim):

**“NÃO LIGA NÃO! ESTOU BEBENDO SÓ UM POUQUINHO SÓ, É QUE FAZ PARTE DA MINHA CULTURA!”**

## **DADOS ESPECÍFICOS**

Neste item traremos os dados coletados no ano de 2011 e 2012, em caráter descritivo, mantendo o anonimato dos envolvidos da T.I. *Ga*.

“Avistamos alguns indígenas embriagados pelas ruas, haviam muitos indígenas notoriamente descoordenados e caídos ao longo da estrada, geralmente bebem cachaça e destilados misturados (idem no campeonato de futebol de Maringá, misturam assim Vermout, Pinga, Vodka, Groselha, Suco de saquinho, Guaraná, Tubaína) em um recipiente só, passam o dia todo alcoolizados e notoriamente eufóricos, muitos exalam um cheiro muito forte de pinga, mas diferente do cheiro dos embriagados não-índios, um cheiro um pouco mais ácido e doce, já não sei se o odor diferenciado é por causa da diferente metabolização ou se por causa das misturas.” (DIÁRIO DE CAMPO PESSOAL, 2011 s. p.)

Outro excerto que destacamos:

“Na volta do primeiro dia de trabalho vimos mais alguns kaingang embriagados em nossa volta para cidade, há também algumas casas que servem de bares, mas que só pude presenciá-las fechadas, disseram-nos que vendem cerveja nas casas...no lixo da aldeia há muitas garrafas de destilados dos mais diversos, entre eles pingas, conhaques e batidas, destas batidas a maioria são de garrafas de plástico das maiores concentrações alcoólicas e e adoçadas, que creio eu possivelmente servem para disfarçar o gosto ácido da cana de açúcar.” (DIÁRIO DE CAMPO PESSOAL, 2011 s. p.)

Sobre o consumo de álcool dentro da aldeia:

Voltamos a tarde e fomos em algumas casa no sentido do rio e das Araucárias, então vi mais alguns indígenas embriagados, bebiam latinhas de cerveja e Corotinhos (garrafas pequenas e atarracadas de pinga) dos quais geralmente escondiam quando aparecíamos nas casas, mas desta vez haviam me chamado para conversar, estavam nas proximidades do campo de futebol, mas infelizmente não consegui aplicar o questionário, primeiramente por que estavam em estado de embriaguez aguda e acrescido a isto meu entendimento em Kaingang deixa muito a desejar(...)Quando o motorista chegou fomos embora, quase atropelamos um índio que estava dormindo ao lado da estrada com os pés para fora, sendo um grande susto para nós, pois realmente estava de difícil visualização, devido ao sol e da poeira levantada. Quando o dia estava caindo muitos estavam embriagados ao longo da estrada, estimo uns 30 homens (entre jovens, adultos e até crianças) que nos pediam carona e dinheiro, possivelmente para comprar mais cachaça. DIÁRIO DE CAMPO PESSOAL, 2011 s. p.

Outro dado relevante para nossa pesquisa é a ingestão alcoólica por parte dos menores de idade, e jovens, fato que fora também relatado na escola local:

(...)Conversamos um pouco sem muito sucesso, muitos indígenas estavam bebendo mas alguns chamavam mais a atenção e notoriamente faziam questão de me cumprimentar, ao longo da estrada vi um jovem de seus 15 anos que estava alcoolizado desde o dia anterior, mas nessa manhã ele não agüentava mais caminhar, estava de cócoras na estrada de terra, enquanto cambaleava conversava com seu pai e sua mãe, que segundo intérprete que nos acompanhou, diziam para ele levantar e ir para casa e parar de beber, mas ele insistentemente mantinha a garrafa de Corotinho em mãos, até que seu pai também retirou uma outra garrafa da jaqueta, o jovem animou-se, ao longo da estrada surgiu outro jovem, juntaram-se e entraram na mata, na volta para o almoço pude ver o jovem que estava de cócoras na estrada, agora estava caído em um caminho na mata. (...) Também havia um menino de aparência de 12 anos que estava com o hálito etílico jogando bola com os mais novos, aproximei-me pelo futebol e comecei a brincar e tirar fotos das crianças, quando este jovem se aproximou pude sentir seu hálito etílico, depois, juntando os fatos notei que ambos os jovens estavam na casa de um adulto que faz balaio, sua mulher havia o abandonado (segundo seus próprios relatos) e muitos homens estavam lá bebendo, entre eles estes jovens, não pude identificar se eles residem lá. DIÁRIO DE CAMPO PESSOAL, 2011 s. p.

As mudanças nas diretrizes internas realizadas pelas lideranças, alteraram substancialmente a relação que anteriormente era claramente proibicionista e atualmente se mostram, aparentemente, mais brandas

“uma liderança disse que anteriormente quando o outro era cacique havia tipo uma ditadura, os homens não podiam namorar, as mulheres não podiam sair de casa, mas hoje ele já liberou todos, liberou para beber também, e tudo que eles quiserem... mas

antes tem que falar e avisar os caciques ou outras lideranças.” DIÁRIO DE CAMPO PESSOAL, 2011 s. p.

Frente a este fato, os funcionários da escola quando entrevistados relataram que muitos jovens e crianças estão tendo acesso a bebidas no interior da aldeia, chegam vezes alcoolizados para as aulas e que o corpo pedagógico não possui subsídios teórico-interventivo para lidar com estes problemas.

Quanto a catalogação de bebidas encontradas em campo, fora possível destacar Conhaques, Aguardentes em geral, Cervejas de Latinha e de Garrafa, Garrafas de Vodca, Vermout. Havendo assim clara predominância de uma marca em específico(T. B.), de uma destilaria da própria cidade com uma graduação alcoólica de 29 GL°.

No ano de 2012, em alianças realizadas com a Polícia Local, pudemos compreender um pouco melhor a dinâmica interna, assim a forma de comércio foi destacada, muitas casas se tornaram vendas, nesta vendas há doces salgadinhos, sorvetes e bebidas diversas, nestas o preço da garrafa de T. B. é de R\$4,00, já no mercado da cidade o valor é de R\$2,45, contudo muitos usuários acabam comprando no interior da aldeia, e lá consumindo, esta relação para muitos possibilitou a diminuição dos atropelamentos e brigas na cidade.

A partir de relatos oriundos da *Porisa*, no interior da aldeia, há cerca de 10 bebedores crônicos, estes encontram-se todos os dias em estado alcoolizado, em um primeiro momento, destacamos que não podemos e nem temos ainda subsídios para intervir nestes casos mais graves, mas que a nossa intenção(tanto dos pesquisadores como da própria polícia interna) é evitar que surjam novos bebedores crônicos.

Outro ponto relevante, fora coletado no CRAS (Centro de Referência a Assistência Social), inicialmente a Assistente Social responsável relatou não haver muito contato com a população indígena local, dado que trabalha na cidade que abarca a T.I. *Ga*, relatou sua tentativa de atuação na aldeia, contudo os envolvidos se mostraram relutantes, destacou que o problema de ingestão alcoólica não se restringe aos Kaingang, pois na cidade a incidência é muito alta, em um levantamento inicial identificou que cerca de 70% dos pais das crianças assistidas pelo CRAS são alcoolistas, e que inúmeros são os problemas de ingestão de bebidas e há também um claro despreparo dos órgãos competentes.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicialmente se faz necessária uma breve compreensão histórica da relação de contato entre os Kaingang e a sociedade envolvente, levantaremos alguns elementos pontuais que possam subsidiar nossa investigação, um fato ubíquo, sempre permeado por eufemismos e discursos “pseudo democráticos“ é a legitimação do poder vigente, capitalista predominante na economia mundial, este é descrito em seus primórdios por Marx (2001) que aponta o processo, ocorrido na Inglaterra, de transformação do sistema feudal para os primórdios do capitalismo.

Mas o sistema capitalista exigia, ao contrário, a subordinação servil da massa popular, sua transformação em mercenários e a conversão de seu instrumental de trabalho em capital. (MARX 2001 p.834)

Este processo foi estendido em esfera Global, havendo inúmeras diferenças, avanços e recuos ao longo da história, chegando até as terras abundantes de Florestas de Araucárias, logradouro que hoje conhecemos como Paraná, o indigenista Piccoli (1980) estudou o caso dos Kaingang, Guarani e Xetá, que resistiam ao processo de ocupação e “civilização” do Paraná, descrevendo clara e diretamente este processo

O impacto da cultura europeia sobre a nativa, durante o primeiro século de contato, acarretou numa redução significativa da população indígena, que decaiu para menos da metade. Muitos pereceram sob o fogo das escopetas, canhões, arcabuzes e até mesmo a fio da espada. Grande contingentes demográficos foram dizimados por epidemias de origem europeia, como o sarampo, a sífilis, a gripe, a tuberculose, a varíola, etc. (...) .Outros subjugados culturalmente, foram assimilados pela artimanhas da cultura invasora .(PICCOLI 1980 p. 9)

Na coletânea *Textos Sobre a Educação e Ensino Karl Marx e Friedrich Engels* (2011, p.39) já denunciavam a questão do alcoolismo atrelado a populações marginalizadas e exploradas, tal temática não é tratada diretamente no âmbito escolar, entretanto o tema é trazido pelos autores frente a total inadequação, exploração e desumanização dos trabalhadores nas indústrias da Inglaterra, em

condições de trabalho completamente adversas impostas pela exploração da burguesia, o proletariado estaria vulnerável, fadado ao alcoolismo.

Mota (2009) em seu livro “As Guerras dos Índios Kaingang” destaca que os solos férteis ocupados pelos Kaingang no séc. XIX eram apresentados a partir da década de 30 como terras desconhecidas e inabitadas, desta forma, muitos relatores e a própria mídia da época considerava o solo fértil coberto pelo ideário do “Vazio Demográfico” na região Central do atual estado do Paraná, estimulando assim, mineiros, paulistas e nordestinos, a migrarem para uma terra erroneamente descrita como inabitada, as evidências comprovam presença indígena nestas áreas, este fato culminou em muitos conflitos, trocas, guerras, sequestros e alianças interétnicas

Desde os primeiros anos da chegada dos europeus aos territórios indígenas no sul do Brasil já percebemos as relações interculturais dentro de um gradiente que vai da amizade a e da troca de produtos até o extremo desse gradiente com mortes, raptos e outras formas de violência. A partir das donatarias e do 1º Governo Geral, o processo de ocupação das terras e do aprisionamento indígena para o trabalho nas fazendas faz eclodir a era dos conflitos e da resistência indígena. MOTA 2009 p. 115.

Sobre a T. I. *Ga*, Mota e Novak (2008) descrevem o longo processo de resistência dos índios Kaingang nos Campos de Guarapuava (*Koran-bang-rê* que significa Clareira Grande), sua fuga para as margens direita do Rio Ivaí e conseqüentes acordos e guerras para a demarcação de terras e aquisição de direitos civis.

No início do século XX, por meio da Lei nº 853/1909, o governo do Paraná decretou uma porção de terras aos índios Kaingang na margem direita do rio Ivaí. O Art. 1º da Lei determinara que: “o governo do Estado fará medir e demarcar as áreas de terras reservadas em tempos aos índios, em vários pontos do Estado, por decreto do executivo” (MOTA, 2003, p. 93). A análise desta legislação feita pelo autor, leva-o a concluir que o governo republicano ainda mantinha a idéia de agrupar os índios para “catequizá-los” e “civilizá-los”, seguindo os mesmos preceitos do período imperial e colonial em todo o país.

Em meados do séc. XIX houve um intenso processo de desterritorialização, em 1889 a terra possuía cerca de 36.000ha, inúmeras foram as medidas da sociedade envolvente para a redução do território, a resistência dos Kaingang gerou a Guerra de Pitanga, após esta o território foi reduzido para o atuais 7.2000ha.

Ao longo deste processo de contato, estes estudiosos identificaram inúmeras menções e pedidos de ferramentas e materiais gerais e materiais para a confecção de alambiques, “...os

Kaingang queriam as moendas, os tachos e os alambiques para o fabrico de derivados da cana-de-açúcar, *principalmente a cachaça.*”(MOTA E NOVAK 1998 p.123, grifos nossos).

Os estudos de Oliveira (2001) apontaram elementos que podem nos auxiliar na investigação acerca do uso e abuso de álcool entre os Kaingang. A autora destacou que, em cada cultura o uso alcoólico varia quantitativamente e qualitativamente. No caso dos Kaingang afirmou que há uma clara ruptura do sentido, ou seja, inicialmente a bebida utilizada por estes povos era o Kiki fermentado de mel, geralmente servido em um grande cocho produzido a partir da derrubada de uma Araucária na ocasião em que seria celebrada a festa dos mortos, ainda destaca a importância do papel da escola, em atuações preventivas que visem, sobretudo, coibir os futuros bebedores.

O ritual do Kiki, antes da política de aldeamento, consistia-se o principal ritual Kaingang, no qual participavam as metades clânicas (TOMMAZINO, 1995). Havia a presença de muitos rezadores, *Kuiãs* e comunidades em geral. As rezas para encaminhar os mortos se estendiam até que o Kiki fosse todo ingerido ao redor de uma grande fogueira.

O Kiki-ko-ia é descrito por Nimuendajú (1913) na T. I. Yvaí, ocorre uma junção de *Kuiãs* dos mais diversos toldos, nestes encontros disponibilizam dois locais, um local destinado aos *Kamés*, outro aos *Kairus*, o Kiki é então preparado em um cocho coletivo ao lado há uma fogueira em forma delgada, os dois grupos exogâmicos vão dançando, separados os casais, os irmãos das noivas vão se alinhando aos *iambrés* (cunhados), a participação infantil também está presente, crianças de 12 e 14 anos também bebiam, nenhum integrante podia se retirar da dança até que estivesse alcoolizado, continua destacando:

Dizem que nesta festa cada um tem que representar na dança o que seu nome significa, e por isso se pode conhecer tanto o clã como a classe pelo nome do indivíduo, pois os objetos de que fala o nome sempre são próprios a uma certa classe e a um certo clã. Nem as penas nem as pintas pode-se tirar lavando o corpo na água. Uma mulher da classe *pêne* tem que tirá-las com um *kurú* no tempo que os corpos estão molhados de suor pela dança. NIMUENDAJU 1913, p.69

Estendendo nossa compreensão para os estudos de Quiles (1999) sobre os Bororo (pertencentes , mas ainda assim na mesma temática, é possível identificar um fato muito similar ocorrido com os Bororo (pertencentes ao mesmo tronco linguístico Jê) do estado do Mato Grosso do Sul, sendo o álcool uma clara forma de domínio por parte da sociedade envolvente:

Os Bororo "se entregaram" não só no sentido militar, mas também amorosamente, no sentido relacional, do vínculo que vai estabelecer-se com a sociedade dominante

daí por diante. Eles acreditaram, fizeram um voto de confiança nas promessas e nas alianças que, sabemos, foram todas abandonadas posteriormente. A 'pacificação' conseguida nos Bororo pelas autoridades civís, militares e religiosas (processo que os índios chamam mais honestamente de "amansamento"), seguida do desapontamento, foi tudo tão maciço (e cronologicamente associado ao álcool), que produz uma mudança permanente na própria personalidade étnica ou modal (cf. Devereux, 1972), aparecendo características de dependência extrema, exigência de provisão e atenção, e ressentimento profundo. QUILES 1999 p. 182

E ainda no caso dos Bororo, Quiles (1999) destaca que possuem uma índole notoriamente desprovida de hostilidade, sendo assim “patologicamente passivos” na relação com a sociedade envolvente, e com o uso do álcool aguça-se o que o próprio autor chamaria de recuperação da força perdida, ou seja, fatos esquecidos ou negligenciados pelo Bororo são relembrados com o uso alcoólico, como destaca:

E aí temos outra função do álcool para a personalidade Bororo atual: através dele, recuperam a força perdida, a agressividade para se defender (ou se vingar). São inúmeros os testemunhos de que Bororo bebe para "ganhar coragem", pois a expressão "falta de coragem" abrange tudo o que queremos significar como a repressão de toda agressividade. QUILES(1999) p.184

Sobre o uso de substâncias psicoativas em tradições religiosas, buscamos na obra de Souza (2004) que destaca inúmeros processos de transformação no sentido dado as substâncias em diferentes momentos históricos, este fato nos faz pensar na primeira evidência material, a bebida Kiki se mantida suas características fermentadas (hidromel) possui graduação alcoólica máxima de 7,8°GL, já o T. B. (bebida predominante na T. I. Ivaí) possui 29°GL.

Vimos que a efetivação do poder capitalista vigente, o mito do “Vazio Demográfico”, e a introdução dos alambiques nas T.I.'s não foram meros acasos da história, foram intencionais, possuíam e possuem em seu bojo interesses específicos, e sobretudo ideológicos. Tendo em vista as adversidades históricas acima descritas, explicitaremos alguns pontos que nortearão nossa intervenção na T.I.Ga.

Faustino (2006) cita estudos emanados dos organismos internacionais como UNESCO e Banco Mundial, que evidenciam as populações indígenas “*são os mais pobres entre os pobres*” (PSACHAROPOULOS; PATRINOS, 1993; PARTRIDGE; UQUILLAS; JOHNS, 1996; BENGGOA, 1993), bem como o interesse de tais organismos não é buscar auxílio, mas sim expropriação territorial e exploração da mão de obra.

Retomando as considerações de Faustino (2010) a autora aponta que a Política Educacional das Escolas Indígenas está pautada com ênfase na Diversidade Cultural e no Bilinguismo, os problemas identificados são inúmeros tais como: falta de materiais, defasagem na formação dos professores indígenas, baixa renda dos estudantes e grande número e evasão escolar, a autora conclui que a escola ainda ocupa o papel secundário na vida dos Kaingang.

Confluindo a estes pressupostos, Leontiev(1978) ao conceituar o Sentido e Significado lança mão do exemplo da compreensão da morte, assim, pode-se conhecer muito sobre a morte, biologicamente, filosoficamente, religiosamente, estes elementos trazem a menção no âmbito do Significado, já na esfera do Sentido pessoal, entendemos como é apreendido pelo indivíduo quando este vivencia alguma morte na família, ou quando está na eminência perceber sua própria morte, estas duas categorias podem nos trazer contribuições fecundas na elaboração de intervenções pedagógicas nas escolas indígenas focando a atuação política e a sociabilidade dos jovens kaingang.

Thompson (2001) observa que tanto o ser social como a consciência social não deve ser analisada em sua horizontalidade, mas por meio da observação dos fatores como a congruência, contradição e mudança involuntária, considera os valores do povo estudado, e sua forma lidar com o *status quo*, suas contradições implicados no conflito entre as maneiras de vida como as normas.

Para Vygotski(1996) as funções psicológicas superiores são imprescindíveis para o convívio social e para a caracterização do homem como cultural. Pontuaremos que para a Psicologia Histórico-Cultural as funções psicológicas superiores se desenvolvem pela apropriação da cultura na qual o indivíduo está inserido, sendo assim, se faz imprescindível a mediação de forma ativa por parte do meio social. Para que desta forma ocorra apropriação de conhecimentos historicamente construídos pelas gerações passadas, posto isso, o papel da escola se torna fator, *sine qua non*, de desenvolvimento psíquico e social. Para tal, mais precisamente dos professores como mediadores, entendemos que a ação deve ser de forma direta e ativa, estimulando e exercitando o pensar dialético desenvolvendo as funções psicológicas superiores.

Marta Shuare (1990) postula que as Funções Psicológicas Superiores são, sobretudo, produtos de desenvolvimentos históricos, pautados no trabalho, e de suas relações sociais. Elkonin(1987) contempla o desenvolvimento em periodizações, divididas em 6 (seis) períodos, cada qual com sua atividade predominante, sobressaindo sobre as anteriores,

revolucionariamente, dado que a cada nova aquisição, é ampliado a potencialidade humana e sua conseqüente humanização.

El desarrollo del niño es un proceso dialéctico, en el cual el pasaje de um escalón a outro se realiza no por via de uma evolución paulatina e sin revolucionariamente ELKONIN 1987 p.106-107

No processo de desenvolvimento, seguindo o prisma do Materialismo Histórico Dialético, Asbahr (2011) ao estudar o aprendizado de alunos da 4º série de uma escola pública não indígena destaca:

Para que a atividade de estudo seja de fato atividade principal dos nossos estudantes, deve ocupar um lugar estrutural em suas vidas. Nesse processo, o sentido pessoal que atribuem a esta atividade é o elemento essencial para sua formação. ASBAHR 2011 p. 191

Confluindo a estes pressupostos, Leontiev(1978) ao conceituar o Sentido e Significado lança mão do exemplo da compreensão da morte, assim, pode-se conhecer muito sobre a morte, biologicamente, filosoficamente, religiosamente, estes elementos trazem a menção no âmbito do Significado, já na esfera do Sentido pessoal, entendemos como é apreendido pelo indivíduo quando este vivencia alguma morte na família, ou quando está na eminência perceber sua própria morte, estas duas categorias podem nos trazer contribuições fecundas na elaboração de intervenções pedagógicas nas escolas indígenas focando a atuação política e a sociabilidade dos jovens kaingang.

Deste modo, ponderamos a idéia de Asbahr(2011), partindo das ações dos professores e alunos, não há necessariamente um sentido claro, ou seja, as atividades em sala de aula não se tornam conscientes, tanto para os alunos quanto aos professores, deste modo caminham para uma atividade desprovida de sentido, preponderando a antítese da humanização do homem pelo trabalho, seja na atividade didática e sobretudo no desenvolver humano.

Conclui sua tese, ressaltando que no período de Atividade de Estudo, o próprio estudo não ocupa seu *locus* como atividade predominante, sem perder de vista a conjuntura macro-capitalista, propõe o desafio aos educadores e pesquisadores, para que assim sejam convocados para o enfrentamento da problemática da educação no capitalismo.

Em nosso estudo, o antropólogo Fernandes (2003) nos dá alguns elementos de compreensão da estrutura social dos Kaingang.

a política kaingang é uma expressão da operacionalização de seus modelos de socialidade e de sociabilidade, de suas classificações e de sua organização social. FERNANDES 2003 p.275

A possível intervenção deve assim trazer elementos históricos confluindo com o pensamento do Materialismo-Histórico-Dialético (SHUARE 1990), como o processo de desterritorialização, a introdução intencional de alambiques, o Papel do Estado que objetivava integração e homogeneização, ou seja, a história da própria população, que até então estará no âmbito do Significado, para adentrarmos na esfera do Sentido Pessoal, traremos problemas enfrentados pelos jovens, no interior da aldeia e na sociedade envolvente.

Para Frederick Barth (1976), destaca a tendência da antropologia em fragmentar os grupos, de maneira que se mostrem como um aglomerado de unidades, circundados por uma espécie de isolamento, repudiando este fato, o autor defende a análise nas regiões fronteiriças, onde os valores culturais transitam, firmando assim a dinâmica cultural.

## **METODOLOGIA**

Concebermos o termo prevenção, em sua etiologia, oriundo do latim *Preavenire*, que significa chegar antes, evitar, “chegar antes do vir”, assim por meio da Psicologia Histórico Cultural galgaremos tornar cômico o consumo alcoólico.

Em um primeiro momento, se mostra imperativa a elaboração de materiais que possibilitem a diferenciação das bebidas o Kiki e o T. B., partindo desta constatação, da diferença de concentração alcoólica, Kiki cerca de 4,5 GL°, já as cachaças encontradas e a bebida predominante o T.B. possuem 29 GL°, e a partir destas constatações coletaremos relatos e analisaremos as constatações grupais, e retroalimentaremos nossa intervenção.

Proporemos a elaboração de materiais confeccionados pelos próprios *kÿrũ*, sendo mediados pelos conceitos científicos da temática, dados sobre a historicidade em Borba (1908), Nimuendaju(1932), Veiga (1994), trarão a relação com o kiki, de forma ritualística e material no que concerne o uso de bebidas, sobretudo sua concentração, confluindo com dados de Laranjeira (2005), Langdon(2005) e Oliveira (2001), que trazem a conceituação e implicações do uso abusivo, como a violência, maior incidência de DST (Doenças Sexualmente

Transmissíveis) e disfunções familiares e grupais, buscando a diferenciação dos Sentidos e Significados Leontiev (1985).

Os encontros serão ao longo do segundo semestre, periódicos, com incursões em campo de cerca de 4 a 5 dias, para tal o acordo firmado com *Porisa*, uma de suas lideranças dispôs-se a auxiliar-me como interprete e mediador, para tal foram realizadas algumas reuniões sobre as temáticas que ainda se encontram em andamento.

Galgando um paralelo da tríplice condição da literatura descrita por Chaves (2001): conteúdo, estratégia e recurso didático-pedagógico, trataremos o conteúdo com as constatações da pesquisa, estrategicamente já coletadas e retroalimentadas utilizaremos assim os recursos audiovisuais sistematizados. Com fins de coleta de dados e principalmente na relação empática pesquisador/envolvido, usaremos o acesso à tecnologia Audiovisual, disponibilizaremos filmadoras para a população envolvida, mediadas pelo pesquisador, buscaremos a necessidade dos jovens e se possível elaboraremos um breve curta-metragem sobre a condição destes.

O vídeo constitui um instrumento valioso para a coleta e geração de dados em pesquisas qualitativas. No entanto, o mesmo deve ser utilizado de maneira criteriosa, considerando a indicação, o preparo do pesquisador que engloba, além dos aspectos técnicos, outros requisitos de natureza pessoal. PINHEIRO, KAKEHASHI e ANGELO 2005 p.721

Primeiramente analisados brevemente as condições reais, demandas e anseios, delimitamos nossa intervenção, codificando e decodificando como destaca Brandão (1985), estes dados coletados por meio de entrevistas, estender-se-ão a filmagens livres no interior das salas de aula, tendo como câmeras-man e filmados os próprios *kýrũ*.

## **DISCUSSÃO**

Para Langdon(2001; 2005) devemos ter em mente os significados do beber, em quais contextos estão inseridos os bebedores, bem como qual o sentido, estudar as formas de pacificação, que como vimos não foram pacíficas, mas em si beligerantes, e sobre as implicações que trouxeram o contato, contato este que trouxe por meio da fronteira Barth(1976), e como esta está atuante e fluida Bauman(2001).

Em seu estudo posterior, Langdon(2005), pautando-se em uma análise comparativa, destacou que a conceituação de Alcoolismo, devia ser revisada e repudiada(tendo em vista a

complexidade da temática), analisando substancialmente as formas de acesso e possíveis controles para que possa ser enfrentado também as formas de preconceito.

O uso/abuso alcoólico, não pode ser analisado como um fato isolado, muito menos inerente, dado que na cidade circundante é um problema também muito presente, assim, em síntese, as vicissitudes sócio econômicas são diversas como Faustino (2006) aponta:

Estes são algumas das questões que se observam em relação aos projetos desenvolvidos nas Terras Indígenas no Paraná, porém as maiores dificuldades – pobreza, alcoolismo, doenças, desesperança – enfrentadas pelos Kaingang do *T.I. Ga* e de muitas outras áreas – são atribuídas, pelas lideranças, à falta de terras para que todas as famílias possam trabalhar e garantir seu próprio sustento, ao sedentarismo e ao aglomerado de pessoas vivendo em um mesmo espaço. FAUSTINO, 2006 p.189 (grifos e alterações nossos).

Tendo em vista a atual organização espacial, econômica e política, faz-se necessário pensar em estratégias no interior da escola, não responsabilizando tal instituição pela saúde e educação de forma unilateral, mas tendo em vista as possibilidades de humanização Vygotski(2000), Leontiev(1976) e Faustino(2006), potencialidades e prevenções são metas reais, e tangíveis. Tendo em vista a execução de medidas preventiva, Souza (2012)

Uma resposta, mesmo que provisória, para esta indagação deve ser buscada através do estabelecimento de relações dialógicas com as pessoas com as quais se pretende atuar, reconhecendo-as como sujeitos autônomos e capazes de construir, mediante parceria, alternativas para abordar os problemas que as afligem. SOUZA 2012 p.124

Em seu estudo posterior, Langdon(2005), pautando-se em uma análise comparativa, destacou que a conceituação de Alcoolismo, devia ser revisada e repudiada(tendo em vista a complexidade da temática), analisando substancialmente as formas de acesso e possíveis controles para que possa ser enfrentado também as formas de preconceito.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Distante de conseguirmos fazer inferências substanciais, notamos que as menções preconceituosas sobre a condição indígena ainda são vastas, o desafia se mostra dificultoso e complexo, contudo com o auxílio da escola e liderança, buscaremos algumas intervenções.

As transformações materiais quanto ao acesso, concentração e disposição das bebidas são importantes para nossa compreensão, contudo fogem de qualquer possível manejo, bem como

as transformações político administrativas internas, destarte o estabelecimento de alianças e trocas se mostram imprescindíveis e essenciais como no caso da *Porisa*.

Quanto aos *kÿrũ*, nossos dados apenas são quantitativos, a coleta, ainda em andamento, propiciará constatações mais fecundas, tendo em vista que a cada etapa da pesquisa ação, estaremos nos imergindo em maiores complexidades e desafios para a educação, mas este, será tema dos próximos trabalhos.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARTH,F. Los grupos étnicos y sus fronteras. México: Fondo de Cultura Económica. pp. 9-49.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENITES, A. As narrativas de representantes indígenas sobre o uso de bebidas alcoólicas dentro das áreas indígenas.In: Seminário sobre alcoolismo e DST / Aids entre os povos indígenas. 2001.

BRANDÃO, Carlos R. Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo, Brasiliense,1985

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Dados 2010 e 2006 <http://www.ibge.gov.br/home/>, acessado em 25 de fevereiro de 2010.

ELKONIN, Daniil B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infância. In: DAVIDOV, Vasili; SHUARE, Marta. (Orgs.). La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (Antología). Moscou: Progreso, 1987. p. 104-124.

FAUSTINO, R. C. (2010) Aprendizagem escolar entre os Kaingang no estado do Paraná: questões sobre língua, alfabetização e letramento. *Práxis Educativa (Brasil)*, vol. 5, núm. pp. 213-219

FAUSTINO, Rosangela Célia. Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. 330 p.

FERNANDES, R.C. Política e Parentesco entre os Kaingang: uma análise etnológica, Tese de Doutorado, São Paulo 2003

LANGDON, E.J. O abuso de álcool entre os povos indígenas no Brasil: uma avaliação comparativa. *Tellus*, 5(8/9): 103-124, 2005

LARANJEIRA, R. e ROMANO, M. Consenso brasileiro sobre políticas públicas do álcool. *Rev Bras Psiquiatr*, 26(Supl I): 68-77, 2004

LEONTIEV, A.N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARQUES, A.C.P.R.; RIBEIRO, M. Abuso e Dependência de Álcool, Em: R. LARANJEIRA, et. al. *Usuários de Substâncias Psicoativas: Abordagem Diagnóstico e Tratamento*, (p.29-47). São Paulo: Conselho Regional de Medicina/Associação Médica Brasileira, 2002.

MOTA, L. T.; NOVAK, E. S.; Os Kaingang do vale do rio Ivaí: história e relações interculturais. Maringá: Eduem, 2008.

MOTA, L.T. et al (2000). *As cidades e os povos indígenas: mitologias e visões*. Maringá: EDUEM.

\_\_\_\_\_, L. T. (2000) *As colônias indígenas no Paraná provincial*. Curitiba: Aos Quatro Ventos.

\_\_\_\_\_, L.T. et al (2003) . *Diagnóstico etno-ambiental da Terra Indígena Ivaí - PR*. Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações. Maringá/UEM/LAAE.

NIMUENDAJÚ, C. Notas sobre a festa KIKIO-KO-IA dos Kaingang, Abril, 1913

OLIVEIRA, M. (2001). *Alcoolismo entre os kaingáng: do sagrado e lúdico à dependência*. seminário sobre alcoolismo e DST/AIDS entre os povos indígenas. Brasília: Ministério da Saúde/ Secretaria de Políticas de Saúde/ Coordenação Nacional de DST e AIDS. pp.99-125.

PINHEIRO EM, Kakehashi TY, Angelo M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Rev Latino-am Enfermagem* 2005 setembro-outubro; 13(5):717-22.

QUILES M. L. (1999) *A mansidão de fogo: aspectos etnopsicológicos entre o comportamento alcoólico entre os bororo*. trabalho apresentado no seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às DST/AIDS entre os Povos Indígenas. Londrina.

SOUZA, R. L. (2004) *O uso de drogas e tabacos em ritos religiosos e na sociedade brasileira: uma análise comparativa* *Sæculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [11]; João Pessoa, ago./ dez.

SHUARE, M. *La psicología soviética tal como yo La veo*. Editorial Progreso, Moscú. 1990

TOMMAZINO K. (1995) *A história dos Kaingang da Bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em movimento*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia. Universidade de São Paulo. São Paulo.

THOMPSON, E.P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Org.), Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VEIGA, Juracilda. Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade JÊ Meridional. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1994.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj Kaingang - Português | Português - Kaingang Dicionário / Ursula Gojtéj Wiesemann; Curitiba : Editora Evangélica Esperança, 2002